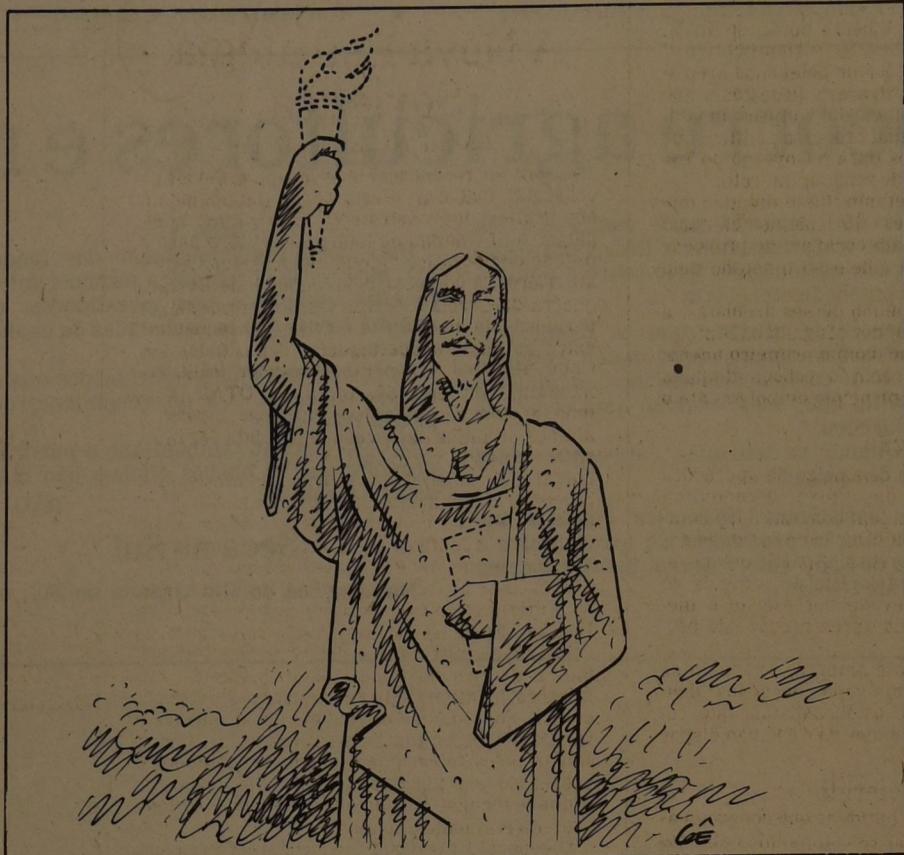


Análise / Perspectivas



Tavares Bastos e o Brasil

Tavares Bastos (1839-1875) nasceu em Alagoas e morreu em Nice, na França, aos 36 anos. Sua atuação parlamentar, seus discursos políticos e suas famosas "Cartas do Solitário" fazem dele uma das grandes vocações de homem público de primeira grandeza no Brasil. Sua atividade de jornalista e de político transcorre toda ela em dois decênios, de 1855 a 1874. Destacou-se num Parlamento em que tinha por companheiros nomes como Zacarias e Bernardo de Vasconcelos, Nabuco de Araújo, Sales Torres Homem, Mauá, Saraiva, José de Alencar, José Bonifácio, o Moço, João Alfredo, Teófilo Otoni e tantos outros. A importância de seu pensamento político é tão contagiante que, nas gerações de hoje, a direita e a esquerda o reivindicam como um de seus precursores. O texto que hoje publicamos é de uma das "Cartas do Solitário".

Parece haver um plano assentado de evitarmos o contato com os Estados Unidos. É o que eu lamento por muitas razões. O estado moral do Brasil não é pouco aflitivo para os corações patrióticos. Não pretendo denegrir sistematicamente o meu país. Desejo falar a verdade. Julgo melhor a franqueza, como meio de correção futura, do que a reserva e o disfarce que iludem o presente e o embalam no engano.

A corrupção moral do país é um vício antigo. Nunca tivemos verdadeira educação e hábitos sérios de família. Quanto à educação pública, lembrarei que saímos de súbito das trevas de um despotismo chinês para a ardente claridade do governo livre. Sem tradições que a sustentassem e dirigissem utilmente o seu emprego, a liberdade tornou-se muita vez um meio mais de depravar os costumes públicos e particulares, um instrumento do despotismo administrativo, como para o liberto vadio ou inexperiente é às vezes uma calamidade a carta de alforria.

Quantos brasileiros temos visto nos erguer a frente e conservá-la altiva diante de Deus, do rei e do povo? Vede, meu amigo: se um levanta mais alto a voz, se outro profere algumas frases enérgicas, que ficam a grande distância da linguagem veemente dos oradores e dos ex-ministros em França, na Dinamarca e na Itália, são logo reputados doidos e considerados inimigos da lei.

A oratória, neste país, deve ser e é uma lisonja impertinente: ou haveis de aplaudir a fleugma do orador, ou sereis anarquista. Não há meio-termo. Dir-se-á que o Brasil é uma terra habitada por milhões e milhões de pretendentes a empregos e graças, cujo cofre é o talismã do Governo. Neste país compram-se, a dinheiro de contado e por uma tabela fixa, honras e grandezas. Há corretores para esse negócio, como os há para os de fundos públicos de café, de fazenda.

Os homens políticos pensam segundo o momento, falam e escrevem segundo as suas posições relativas de desgostosos ou de agraciados repletos. No primeiro caso dizem às vezes algumas verdades; no segundo esquecem-se do passado e cantam a palinódia. Há até uma retórica especial para as dificuldades: consiste em denegrir os adversários e, na primeira monção, chamá-los de anarquistas. É o meio de pôr a qualquer fora de combate.

Tal, por despeito, se mostra hoje um defensor zeloso das regalias do Parlamento, que amanhã, por satisfeito e porque rugam-se-lhe novas ambições, professa a irresponsabilidade legal do ministério por certos atos do Governo, e combate o direito supremo de Revolução.

Vede mais, meu amigo, vede essa classe da sociedade onde recrutam-se a magistratura, os estadistas, os administradores, formados com um ensino bastardo e abstrato e com uma educação moral terrível. Vede a depravação dos costumes, o espírito inquieto e ambicioso, a ignorância da mocidade. Notai a falta de idéias práticas, de estudos positivos sobre o país.

Analisai com imparcialidade a atitude das câmaras perante os ministros, perante quaisquer ministros, essa posição forçada, suplicante, diria quase vergonhosa. E o que vale a justiça neste país? O que vale o pudor público? Lede essas gazetas dos ministérios. Estudai esses atos que aí surgem todos os dias, e todos os dias nos espantam. A imoralidade é tradicional em nossa raça. Querem que o país prospere? Comecem pela base, comecem pelo cruzamento de raças. Não vos cause estranheza esta excentricidade: nada há de mais exato.

Nossos males são muitos; porém, o verdadeiro, o fundamental, consiste no nosso espírito tímido, chinês, preguiçoso, tardio, inimigo da novidade, des-cansado e comodista. E preciso mudar de hábitos, é preciso pôr outra alma no corpo do brasileiro. E eu não conheço senão um meio eficaz para isso, a saber: abrir francamente as portas do Império ao estrangeiro, colocar o Brasil no mais estrito contato com as raças viris do norte do globo, facilitar as comunicações interiores e exteriores, promover a imigração germânica, inglesa e irlandesa, e promulgar leis para a mais plena liberdade religiosa e industrial.

É sob este ponto de vista, é por bem do progresso, ou antes, da reforma moral do país, que eu desejo ardentemente as mais rápidas comunicações entre o Brasil e os Estados Unidos da América do Norte. A união norte-americana é o verdadeiro "rendez-vous" do mundo civilizado; ali se encontram todos os vivos, como no vale de Josafá se não de congregar todos os mortos. Nesse mundo em miniatura vereis, à sombra da liberdade, a georgiana e o índio civilizado, o inglês e o francês, o português e o espanhol, o irlandês, o alemão e o russo e, sobretudo, o descendente dos bretões, o ianque audaz, generoso, devorado de atividade, respirando a dignidade pessoal como o Apolo de Belvedere, infatigável e forte, nessa vida agitada e tumultuosa das assembléias, dos "meetings", dos clubes, da imprensa, nessa vida vigorosa, a única que vale a pena viver, na frase eloquente de Montalembert.

Sou um entusiasta frenético da Inglaterra, mas só compreendo bem a grandeza deste povo quando contemplo a da República que ele fundou na América do Norte. Não basta que estudemos a Inglaterra; é preciso conhecer os Estados Unidos. É deste país que nos pode vir mais experiência prática a bem de nossa agricultura, de nossas circunstâncias econômicas, que têm com as da União a mais viva semelhança.